

Itamar Vieira Junior

Salvar o fogo

**todavia**

|                      |     |
|----------------------|-----|
| A vingança tupinambá | 15  |
| Luzia do Paraguaçu   | 85  |
| Manaíba              | 185 |
| A alma selvagem      | 277 |
| <br>                 |     |
| Agradecimentos       | 318 |

*A ira do corpo se torna mais violenta em noite de lua cheia.*

*Ela já não conseguia se recordar das coisas que tinha para fazer no dia a dia. Também não soube dizer a si mesma como e quando havia se deitado exausta na esteira de palha e nem em que momento desfez — num acesso de fúria — a grossa trança que domava seu cabelo crespo e negro refletindo o brilho da luz de um candeeiro. Depois ela imaginou que os fios do seu cabelo se tornavam raízes encontrando o chão do quarto, e talvez tudo isso tenha se passado antes de uma dor violenta lhe atravessar o quadril. Ou foi antes de sua visão ficar turva. Ou um pouco antes de o suor escorrer de seu rosto e de suas costas como uma fonte de água morna. Foi ao mesmo tempo em que sentiu uma incômoda vontade de urinar.*

*Enquanto estava deitada deixou a mão repousada sobre o ventre de seu pequeno corpo. Ali, sabia, estava a causa de sua aflição, a vida se contorcendo com violência, e era como se ela própria fosse arrebentar com a força que se digladiava para deixá-la. Poderia ficar quieta e permitir que seu corpo seguisse o próprio fluxo como o rio, porque tinha visto as mulheres fazerem o mesmo à sua volta. Poderia pedir ajuda e mandar alguém chamar a parteira da Tapera do Paraguaçu, aquela mulher que cheirava a aguardente e tinha as unhas grandes e sujas. Mas preferiu seguir em silêncio. E por fim não houve escolha e sua tormenta a consumia e rasgava o ventre e a pélvis e estava cada vez mais intensa.*

*Era uma noite úmida, de poucos sons, alguns zumbidos de insetos, sem sequer assobio do vento avançando sobre as palmeiras da margem esquerda do rio.*

*Sua gente dormia ao seu lado e vez ou outra movimentavam os pés, se viravam, agitavam as mãos para afastar os mosquitos que zuniam inquietos. Que fosse breve, se concentrasse no que tinha a fazer porque estariam despertas quando o dia começasse. Recordou a luta de sua gente quando as crianças exigiam comida e energia para apaziguar as brigas, para os banhos, para cuidar das feridas, para colocar o alimento nos velhos pratos de esmalte, e parecia nunca ser suficiente tamanha era a fome.*

*Nos últimos meses a chuva finalmente chegou, mas os homens desencantados deixaram as minguadas roças ao deus-dará, seguiram nos saveiros para vender o que havia sobrado da última colheita. Pequenos carregamentos de farinha de mandioca, coco, azeite de dendê. Prometeram trazer dinheiro. Voltaram depois de semanas sem nada ou, quando muito, garrafas de cachaça. As mulheres da Tapera observavam a maré, e a maré avançava e recuava sobre o rio enquanto elas viviam à espera de seus homens. Aproveitavam as águas baixas para irem com lata e colher em busca de mariscos. Sabiam que eles não voltariam no tempo prometido. As crianças chorariam por comida, sem se preocupar se os pais tinham ou não voltado, e sobrariam as mães cada vez mais velhas para dar conta das obrigações.*

*As mulheres arrumavam um jeito próprio de seguir a vida; uma das certezas era que pediriam aos monges permissão para colher o caju nos terrenos da Igreja. Eles cediam, desde que elas levassem os melhores frutos para a cozinha do mosteiro. Feito isso, poderiam comer o resto. Elas vendiam as sobras da colheita para os viajantes, cheias de dignidade, em pequenos tabuleiros erguidos nas portas das casas voltadas para a estrada. Depois, no fim do ano, os maturis que nasciam nos galhos mais baixos para matar a fome, além dos frutos que sobreviveram à primeira colheita e cresceram nos galhos altos.*

*Durante a manhã ela observou de longe o povo da Tapera seguir com seus cestos para colher o que encontrasse no caminho. Não*

*se juntou para não verem sua barriga, pois ainda que fosse uma barriga pequena e comprimida e envergonhada, não era possível enganar as mães da Tapera. Elas conheciam a pele e o brilho e o cabelo das que carregavam uma criança no ventre. Elas sabiam pelas unhas e pelo hálito doce e pela largura das ancas. Sabiam se a criança seria graúda ou miúda e em que tempo chegaria. E se tivesse andado entre elas nos últimos meses, saberia que naquela noite de lua cheia era a boa hora.*

*E se levantou equilibrando o corpo, acorada no chão, a camisolada empapada de suor e colada às costas e por baixo dos seios. A dor cresceu, e cresceu também a raiva que já não sabia de onde vinha, e com certeza ela havia arrancado boas mechas do cabelo enquanto desfazia a trança. Deixou a cabeleira livre feito a copa de uma árvore. Seus pés deslizaram sobre o chão de terra batida, procurando o caminho para fora de casa. Quando se aproximou da cortina que separava o cômodo da sala, ela ergueu a cabeça e a seguiu com os olhos. Mas nem isso foi capaz de detê-la, e era possível que na manhã seguinte a sua imagem se revelasse como um sonho na noite que avançava, como todas as outras sobre todos os seus, sem sobressaltos.*

*Então ela deslizou não só pelo chão da casa mas também pela noite que reinava sobre o céu: a lua, um farol adentrando as frestas da janela como um convite para que o animal noturno deixasse a toca. Retirou a barra de madeira que cerrava a porta, não sem antes morder os lábios, um gesto oportuno para impedir que se ouvisse o ruído das dobradiças.*

*Sentiu um bafo, era a brisa morna a levando para fora da casa.*

*Não tinha pensado sobre sua hora nem mesmo sobre o que faria, e o corpo despertou por um momento da apatia dos últimos dias. Seguiu os próprios instintos. Não queria aquela criança; não podia levar outra boca para uma casa sem recursos. Só não bebeu os chás porque não os conhecia. Nem fez os encantos das mais velhas e os segredos guardados nos lugares mais insondáveis do espírito*

*das suas mulheres. Havia muito que essa vida passada era rejeitada por sua gente, que aos poucos se tornou outra, pois passou a acreditar nas palavras de forasteiros. Mas nada pôde deter o animal que crescia dentro de outro animal e ela não sabia se era por falta de conhecimento, se pelo eco das pregações do mosteiro que sepultaram a Tapera sob a permanente ameaça de castigo dos Céus ou pelos desígnios do Espírito de Deus. Enquanto caminhava sentiu que outros animais deixavam o caminho e subiam nas árvores e se agitavam nas matas e se escondiam nas tocas e entravam no rio, antes que ela pudesse alcançá-los.*

*Um depois do outro, seus pés tocaram a água, e seu corpo se desviou como um galho seco no sentido da correnteza. E a dor, a dor não estava apenas no seu ventre, a dor a possuía por inteiro. Se permitiu gemer enquanto os peixes tocavam sua pele com seus corpos e para não seguir em direção à baía junto à correnteza, fincou os pés na areia do leito na altura em que sua barriga ficava submersa. O movimento das águas trouxe algum alívio que logo se desfez. Mas não havia entrado no rio em busca de conforto. Ela queria se agitar no fluxo que a atravessava e passar por tudo o que precisava para se sentir viva. Foi assim que afastou as pernas e a maré e o rio a invadiram e estavam próximos de afogá-la: as águas inundaram seu corpo e seu coração.*

*Quando a criança enfim nascesse, a entregaria às águas. Que o rio cuidasse de sua cria. Que a correnteza a levasse para bem longe.*